

REQUERIMENTO Nº DE

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos do art. 199 do Regimento Interno do Senado Federal, a realização de Sessão Especial, no dia 18/02/2022, às 10h, a fim de comemorar o Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. Requer ainda que o Senado Federal autorize toda a logística necessária, inclusive para que um número de 6 a 8 pessoas, dentre personalidades das artes, artistas, doutores e literatos (cujo rol será emitido tempestivamente), compareça à Sessão .

JUSTIFICAÇÃO

O broto, profundo e vertical, enrama seus galhos e frutos por toda a cultura do país, florescendo um turbilhão nas artes brasileiras por décadas afora. É a semana de Arte Moderna de 1922.

Os anos 20 do século passado retratam o ápice da ruptura histórica na cultura nacional: o modernismo. Eclode ali, a partir de movimentos artísticos isolados, veios culturais que se assomam e vão insculpir, a sempre, o cenário das artes brasileiras, para além dos contornos estéticos.

Os acontecimentos históricos fervilham já quando rompe aquela segunda década: Grande Guerra, Revolução Russa, o urbanismo, e entre nós, o despontar das classes operárias das cidades e o lumiar do que viria a ser a emancipação feminina. O novo código Civil de 16 põe fim, então, ao emaranhado joanino que ainda invadia o cotidiano jurídico do país, e ali se aponta as “relações

locatícias de trabalho” pela primeira vez, refletindo o labor, ora real, do operariado das urbes.

A Revista do Brasil, de 1916, nesse panorama, eminentemente literária, é o farol da “descoberta” da identidade nacional, e viria a financiar importantes iniciativas, dando espaço a escritores da *nova era*.

Aqueles intelectuais dos idos 20 irrompem, eliminando os ainda presentes vestígios do lusitanismo colonial, que o romantismo oitocentista não conseguira extirpar de todo.

A Semana de Arte Moderna é o estopim, o ápice, o celeiro cultural que reverbera por décadas e décadas. Os precursores de 22, com a mera visão de contestar, de reclamar, ora caóticos, acabam por forjar uma espiral de artes, por todos os lados e cenas, transpassando e alinhavando cultura e sociedade como não antes presenciado no Brasil.

Eis que a Semana de Arte Moderna de 22, já ida, nova, futura, chega ao seu centenário em 2022, vital, ativa, escorreita, caótica, doidivana e desvairada, passada e prospecta, cultiva longo caminho nas artes brasileiras, já que caldo cultural perene a década e décadas. É papel central do Senado Brasileiro talhar homenagens à Semana de Arte Moderna de 1922 e ao século completado e contínuo.

Malfatti, Segall, Mario e Oswald, Tarsila, Milliet, Aranha, Menotti, Brecheret, Guilherme, Plínio, Di Cavalcanti, Villa Lobos...o modernismo se espalha no país, suas heranças são sentidas em muitos campos...o regionalismo...chega-se à Tropicália, tudo, todos e tantos, personagens, maiúsculos, grandiosos, fenômenos, modernistas e modernos...que se nos cheguem centenários e centenários da Semana de Arte de 22.

Dessa forma, propõe-se esta Sessão Especial para, em homenagem aos Cem anos da Semana de Arte Moderna, o Senado Federal contar com a visão de especialistas, literatos e doutores no tema, os quais abordarão profundos

conhecimentos da centenária semana, e seus impactos na cultura e na sociedade brasileiras.

A proposta é que a Sessão Especial dê-se na segunda quinzena do mês de fevereiro, coincidindo assim com a data de aniversário da Semana de Arte Moderna, havida entre os dias 11 e 18 fevereiro de 1922, e que 2022 completará Cem Anos.

Sala das Sessões, 6 de dezembro de 2021.

Senador Humberto Costa

